

Estudo de Meio – investigação do nosso pedaço

O estudo de meio é uma prática utilizada desde o início do século passado cujo objetivo original era permitir que os alunos constatassem a veracidade in loco do conteúdo estudado em sala de aula. Ele pode ser estruturado em forma de projeto, no qual os alunos sejam convidados a formular questões sobre determinado tema, construir hipóteses, planejar ações para testar hipóteses e discutir os resultados.

Não é necessário ir longe para a realização do estudo, afinal, qualquer lugar é um “meio” e pode ser visto por vários aspectos: o banheiro da escola, a cozinha, o jardim, a sala de aula... depende do olhar que é lançado ao objeto.

Vejamos as definições de “meio” em um dicionário de língua portuguesa:

- Sociol. Fatores externos que influem sobre um indivíduo ou grupo.
- Que serve de comunicação.
- Plano que se adota para conseguir um fim.
- Esfera social ou profissional onde se vive ou se trabalha; ambiente, círculo.
- Meio ambiente: conjunto de condições naturais e de influências que atuam sobre os organismos vivos e os seres humanos.

Vamos experimentar o método dos quadrantes que é um tipo de investigação?

Precisaremos de :

- um pedaço de barbante ou qualquer outro tipo de fio com 4 metros de comprimento;
- papel, lápis e prancheta para anotações das observações;
- saquinhos (podem ser de supermercado) para coletar algum objeto de estudo;
- lupa — se não a tiver, faça uma dobrando um clipe ou fio de cobre. Mergulhe na água, e a tensão superficial fará a gota ficar presa no “olho” da lupa e servirá como lente (como a luneta feita pela formiga Flick, do filme Vida de Inseto).

Em primeiro lugar, um planejamento deve ser feito: quais os locais onde fazer a investigação para que poder comparar as diferenças? Na escola, pátio, jardim, calçada, mata, praça, grama, saída de campo, terreno sob o sol, sob árvores...

O que observaremos?

- Com os olhos fechados: todas as sensações auditivas, olfativas, táteis e climáticas (temperatura, vento).

ESTUDO DE MEIO

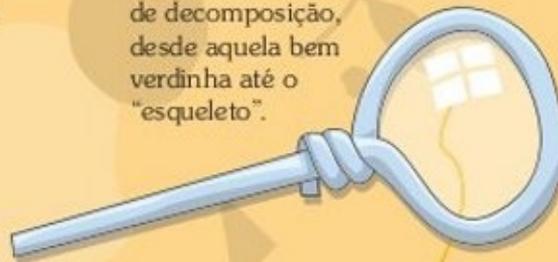
INVESTIGAÇÃO DO NOSSO PEDAÇO

- Utilizando nossa cordinha, vamos demarcar um quadrado de 1 x 1 metro na área de estudo (se for possível, amarrar a cordinha a uma vareta ou galho seco) e então vamos:

- 1) anotar no papel todos os animais, vegetais e minerais encontrados dentro do quadrado ao alcance do olhar e com a utilização da lupa;
- 2) coletar todas as folhas caídas encontradas dentro do quadrado

- 3) os elementos não naturais observados, ou seja, lixo, devem ser anotados também.

- Encontrar nas proximidades uma árvore com folhas caídas (de preferência folhas da mesma espécie) em diferentes estágios de decomposição, desde aquela bem verdinha até o "esqueleto".



As sensações podem ser mensuradas dentro da sala de aula e no local onde será realizado o estudo para que sejam obtidos parâmetros comparativos, ou seja, para que as crianças possam sentir as diferenças e discutir sobre elas. Pode-se levar um termômetro para comprovar as variações de temperatura sentidas pela pele e ainda despertar o interesse pela física (como o que acontece com o mercúrio no frio e no calor). As folhas poderão ser comparadas conforme a cor, formato, odor, mordidas encontradas...

O principal objetivo da brincadeira é que a criança aprenda sobre as diferenças que existem em diversos ambientes, o porquê das diferenças e quem são os atores envolvidos nos microecossistemas. O conceito de biodiversidade está implícito aqui.

Já a atividade de folhas em decomposição vai instigar a curiosidade para aqueles organismos "invisíveis", e até sobre os visíveis, de primordial importância para a cadeia alimentar, responsáveis pelo processo de "limpeza" ou ciclagem na natureza.

O educador poderá montar junto com as crianças uma "árvore genealógica" dos diversos estágios de uma folha, que começa desde a tenra folha verde até o húmus (aquela terrinha bem preta que pode ser encontrada embaixo de folhas caídas no chão).

Nas aulas de Educação Artística, os alunos podem testar as diferentes texturas, colocando uma folha de papel sulfite sobre uma folha ou tronco e riscando o papel com lápis ou giz de cera. Também podem desenhar os diferentes formatos de folhas, prestando atenção nas nervuras e fazendo uma correlação com o sistema sanguíneo e até com a bacia hidrográfica do local em que vivem — é só conseguir um mapa da rede hidrográfica local, identificar o rio principal e notar que todos os afluentes acabam formando um desenho muito parecido com as nervuras da folhas e até com o desenho da palma das mãos. Todas essas linhas (da folha, dos rios, da mão) podem ser desenhadas em papel para facilitar a comparação. ■